



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS

RAFAELA FERNANDES DE OLIVEIRA

**O CORTIÇO DE ALUÍSIO AZEVEDO: FICÇÃO E REALIDADE**

Goiânia

2024

RAFAELA FERNANDES OLIVEIRA

## **O CORTIÇO DE ALUÍSIO AZEVEDO: FICÇÃO E REALIDADE**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, do Curso de Letras-Português, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob a orientação da professora Dra. Maria Aparecida Rodriguês.

Goiânia  
2024

RAFAELA FERNANDES DE OLIVEIRA

**O CORTIÇO DE ALUÍSIO AZEVEDO: FICÇÃO E REALIDADE**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Letras - Português da Unidade Acadêmico-Administrativa de Educação da Universidade Católica de Goiás.

Prof./a Orientador/a: Inserir Título e nome \_\_\_\_\_  
Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) \_\_\_\_\_( )  
Apresentação Oral: (até 3,0) \_\_\_\_\_( )

Prof./a Convidado/a: Inserir Título e nome \_\_\_\_\_  
Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) \_\_\_\_\_( )  
Apresentação Oral: (até 3,0) \_\_\_\_\_( )

Nota final: \_\_\_\_\_( )

Goiânia, \_\_\_/\_\_\_/2024

*A minha filha, que me incentivou a buscar conhecimento, para melhores condições de vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me proporcionar saúde e condições de terminar o curso.

À Capes que por meios de projetos pedagógicos me proporcionou permanência na faculdade junto com o vestibular social.

À minha orientadora, profa. Dra. Maria Aparecida Rodrigues, que ajudou e orientou em todo processo do desenvolvimento do TCCII, proporcionando-me aprendizagem sobre o tema abordado.

Aos professores que passaram na minha trajetória e me ensinaram tanto a didática quanto a importância dos estudos.

A meus familiares, como minha mãe e meu pai, que me incentivaram a estudar.

A meus colegas Charles e Edivan que sempre insistiram para eu concluir essa etapa da minha vida: terminar a faculdade.

*Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas sua infinidade de portas e janelas alinhadas.*

Aluísio Azevedo

## O CORTIÇO DE ALUZIO AZEDO: FICÇÃO E REALIDADE

### RESUMO

Esta monografia objetiva analisar o livro *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo sob a perspectiva teórica de ficção e realidade social e histórica, na qual se discute a relação entre a formação dos cortiços e favelas no Brasil e a formação do cortiço na ficção *corpus*. A análise crítica se baseia na abordagem sociológica a partir da servidão feudal, da exploração da mão de obra da classe operária, da aquisição do poder econômico em um capitalismo selvagem que condiciona os indivíduos à miséria humana e social, marcada pelo domínio do meio, da raça e do ter, concepções evidenciadas pelo princípio científico determinista da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** ficção, realidade, desigualdade social, cortiço, determinismo.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO I: A FORMAÇÃO DE CORTIÇOS NO BRASIL .....	11
1.1 Urbanização de cortiços no Brasil .....	13
1.2 O êxodo e os cortiços.....	17
CAPÍTULO II: FICÇÃO E REALIDADE EM <i>O CORTIÇO</i> .....	20
2. 1 O cortiço e as desigualdades social .....	23
2.2 Do servo para o operário .....	25
2.3 O Enriquecimento e a Decadência Humana.....	27
CAPÍTULO III: A TEORIA DO DETERMINISMO.....	30
3.1. O determinismo expresso na obra.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS .....	34

## INTRODUÇÃO

*A literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos.*

NICOLAU SEVCENKO

O propósito deste texto monográfico é analisar a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo com a finalidade de discorrer sobre a relação entre obra de arte e realidade social histórica, com ênfase nas questões ligadas aos comportamentos dos personagens, vítimas de uma burguesia com influências de muitos desvalores do feudalismo, nos quais prevalecem a reificação do indivíduo burguês na cidade, advindos, ainda, de um processo de zoomorfização de seres humanos no sistema feudal. Nos dois casos, os direitos humanos são desconsiderados. O operário, no romance, não tem direito à casa, comida e bem-estar. Trabalha de sol-a-sol para pagar seu sustento e sobrevive da esperança da liberdade. O escravo, no sistema feudal, por outro lado, tem direitos, embora limitados, de casa (senzala) e comida, porém não tem a tão sonhada liberdade, sobrevivendo sem identidade própria, pois que possui um dono, um senhor.

A relação entre a realidade e a literatura de ficção se tornou relevante nos estudos sobre a obra de arte literária. Nos últimos anos, cada vez mais utilizada pelos historiadores e críticos literários, particularmente por aqueles que pesquisam sobre os elementos culturais e sociais nas relações humanas. As relações entre realidade e ficção é ratada como um tipo de fonte que permite aos estudiosos apreenderem subsídios e dados ficcionais que dialogam com o universo sócio-cultural e histórico de uma maneira mais amplo e produtiva. Em outras palavras, a literatura vem se mostrando um artefato bastante significativo no processo de escrita da realidade social e histórica. Nessa perspectiva, o trabalho busca discutir essa relação entre o produto artístico cedido pelo ficcionista do romance *corpus* e as fontes dadas pelo mundo real.

Para Gilberto Ferreira Sena Junior, em seu artigo sobre REALIDADE VERSUS FICÇÃO: A LITERATURA COMO FONTE PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA (2022, p.04),

apesar de ter sido a literatura considera por muito tempo como

um objeto criado a partir dos elementos fantasiosos, da imaginação do escritor e que não possuía os requisitos necessários de verdade e legitimidade para servir como fonte de explicação da realidade histórica onde esta era produzida, ou sobre a qual se referia, percebemos que a produção literária possui um forte elo com o espaço, com o tempo e com as condições sócio-culturais onde esta é construída.

Nesse sentido, destaca o crítico o fato de que a produção da obra literária está associada ao seu tempo, refletindo em suas narrativas angústias e sonhos de agentes sociais de seu tempo à sua criação e mesclando elementos de ficção e das possíveis realidades existentes no momento da criação literária (SENA JÚNIOR, 2022, p.04)..

A ficção literária constitui-se, então, parte do mundo real, das criações humanas e transforma-se em representação de um determinado contexto histórico-social e, em decorrência, de formas de pensamento e teorias científicas elaboradas na e para a sociedade. Nesse contexto, a noção de arte como representação da realidade passa a ser significativa para entendermos essa aproximação entre a realidade e a ficção e vice-versa, pois, a literatura pertence a esse campo das representações e cabe ao leitor crítico reinterpretar o encontro entre esses dois mundos.

A leitura do romance nos permite perceber metaforicamente que a formação do cortiço é a figuração principal da obra e remete à formação dos cortiços e favelas no Brasil e, pode ainda, representar a própria formação do nosso país. Por isso, dedicamos, no primeiro capítulo, da formação dos cortiços e favelas.

Um aspecto marcante no romance é a relação entre o comportamento das personagens, seus modos de vida e interrelações com o meio social, marcado pelo determinismo, teoria científica da época. Por isso, o livro *O Cortiço* é uma obra considerada naturalista na qual os personagens são vítimas do determinismo, condicionados por sua raça, meio o momento histórico em que vivem.

A proposição crítica literária desta análise, pressupõe, ainda, observar o ambiente, costumes, traços grupais, comportamentos, narrador e as diferentes relações entre as personagens, a época em que os fatos acontecem, o fator econômico e as relações de trabalho.

A escolha dessa obra se justifica pelas desigualdades sociais, nela apresentada, que afetam principalmente a população mais carente e a falta de oportunidades, a ausência de uma boa educação que dificulta aos cidadãos adquirir uma vida mais digna, diferentemente, do cidadão branco burguês que já nasce com

todos esses privilégios. Os negros que vivem nos cortiços e nas favelas têm de passar por muitas situações embaraçosas para poder conquistar todos os seus direitos. No livro *O Cortiço*, as personagens terminam sem nenhuma possibilidade de dignidade. Elas terminam piores do que começaram e são vítimas do meio que eles vivem.

Assim, a monografia está dividida em três partes. A primeira trata da formação de cortiços no Brasil, com ênfase na urbanização de cortiços, nas questões do êxodo e da constituição dos cortiços. O segundo, refere-se à relação objetiva entre realidade e ficção no romance, destacando as desigualdades sociais, as situações da passagem do servo para o operário e a interrelação entre o enriquecimento e a decadência humana evidenciadas na obra. Por fim, no capítulo três, discorreremos sobre o determinismo e a ideia do homem como fruto do meio expressos na obra *corpus*.

## 1 A FORMAÇÃO DE CORTIÇOS NO BRASIL

*Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.*

ALUÍSO AZEVEDO

O romance *O Cortiço* é uma metáfora analógica referente à formação do Brasil e, mais especificamente, aos inúmeros cortiços existentes nas cidades brasileiras. Os cortiços são uma forma de habitação coletiva que surgiu no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Elas são construções precárias, localizadas em áreas urbanas, abrigavam famílias de baixa renda em condições insalubres e de grande aglomeração.

Os cortiços predominam nos centros em locais onde há pouca disponibilidade de espaço. As favelas, quase sempre, ocupam áreas periféricas não regularizadas pelos órgãos públicos competentes. Nos dois casos, há a formação de aglomerações de construções, como nos exemplos, comum nas cidades brasileiras:



Crianças brincam no cortiço da Rua Santo Amaro, no Catete  
Foto: Custódio Coimbra /Agência O Globo



*Foto: Favela. Revista Veja*

Os cortiços são habitações que surgiram, no Brasil, no final do século XIX, durante o processo de industrialização e urbanização das cidades. Eram ocupados por trabalhadores pobres que não tinham condições de pagar aluguel em moradias individuais. Eles eram caracterizados por ausência de higiene, superlotação, sem ventilação e iluminação inadequada. A falta de moradias populares e políticas habitacionais efetivas contribuem para a persistência dos cortiços no Brasil.

Desse modo, com o aumento da população nas grandes cidades, surgiu alta demanda por moradias e a oferta não correspondeu esse crescimento. Por isso, as pessoas sem recursos financeiros e econômicos não tiveram outra condição: passaram a viver em construções coletivas improvisadas, muitas em casas e prédios abandonados ou se refugiaram em morros próximos aos locais de trabalho ou, ainda, em áreas não urbanizadas, como na foto a seguir:



*ArchDaily*

No romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, essa realidade também é

evidente, O personagem João Romão, de posse de um terreno, cria nele pequenas casebres que se amontoam no espaço e no qual moram muitas famílias e o próprio comércio de João Romão, formando, de modo precário e degradante, o cortiço e dele conseguia todo seu poder econômico:

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se (Azevedo, p. 14).

Na obra como na realidade, o amantado de casas, becos e pessoas se condensam, se acentuam e revelam um modo de vida desumano, no qual a qualidade de moradia é degradante e precária, principalmente, como pode ser visto nas grandes cidades. Essa forma de vida demonstra o descaso social e econômico de um país que se formou da exploração do trabalho e do enriquecimento de oportunistas sem excrúpulos.

### **1.1 Urbanização do cortiço no Brasil**

*E de todos os casulos do cortiço saiam homens para as suas obrigações.*

ALUÍSIO AZEVEDO

Uma das causas do surgimento dos cortiços e favelas é a falta de políticas habitacionais para a população mais carente. Do mesmo modo, os baixos salários e o desemprego obrigam essas pessoas a viverem em péssimas condições, sem acesso a saneamento básico, água potável e outros recursos necessários para sobrevivência, aumentando, com isso, o risco de doenças, de acidentes, de violência, de abandono e de exclusão social. A situação acaba, gerando um ciclo de pobreza ilimitado, permitindo que as crianças tenham poucas perspectivas de um futuro digno.



*o Cortiço: Revista Contexto*

As crianças moradoras das favelas e cortiços começam a trabalhar muito cedo a fim de contribuírem na renda familiar, por isso, abandonam a escola. Os jovens migram para cidade sem terem o ensino fundamental completo. Em 1960 a metade das crianças entre 7 e 12 não frequentavam ou abandonavam a escola.

De modo semelhante, quando os imigrantes chegam na cidade se deparam com a fome e a necessidade de trabalhar, em decorrência aceitam qualquer serviço. São mal remunerados, mão de obra barata e em condições análoga à da escravidão. Às pessoas que vivem nesses cortiços e favelas são, na maioria das vezes, operários de fábricas.

Em 1929 a 1930, a crise econômica do café no Brasil arruinou grande quantidade dos fazendeiros que tiveram, uma brusca queda desse produto. Em São Paulo, em pleno período de superprodução, os agricultores tiveram um imenso prejuízo e, para não haver desvalorização, o governo comprou toneladas de café, queimando-as todas. Isso, gerou mais pobreza e conseqüentemente, o aumento de pessoas vindas do campo para as cidades grandes.

Em 1980, a quantidade de pessoas tanto no campo e nas cidades se iguala. As pessoas vão à procura de condições melhores de serviços e salários. Assim, deixam o campo e começam a se acumularem nas grandes cidades.

A formação dos cortiços no Brasil aconteceu durante a Segunda Revolução Industrial, no período de 1850 até 1945. A formação das favelas se concentrou principalmente no Rio de Janeiro.

Com a urbanização, as pessoas deixam o campo e começam a se acumularem nas grandes cidades à procura de condições melhores de serviços e salários para seus sustentos. Devido a concentração das pessoas, muitos procuram lugares mais baratos, o que fez surgirem os cortiços.

Como o ritmo da industrialização e o fim da escravidão, além de as pessoas virem para as grandes cidades, como São Paulo, que, na época não comportava a quantidade de pessoas, vindas da zona rural, fez gerar os cortiços, favelas e mocambos, aumentado a concentração de pessoas em morros e em estruturas muito precárias, nas quais os habitantes não tinham acesso a banheiro, água tratada, a ventilação e, em decorrência, as doenças se proliferaram e, no geral, a qualidade de vida se tornava precária. Em *O Cortiço*, de Azevedo, as pessoas se misturam com o processo de industrialização: O zunzum chegava ao seu apogeu. A fábrica de massas italianas, ali mesmo da vizinhança, começou a trabalhar, engrossando o barulho com o seu arfar monótono de máquina a vapor” (p.15).



*Industrialização: Facil 123*

Muitos são os problemas sociais que obrigam as crianças a começarem a trabalhar muito cedo a fim de contribuírem com a renda familiar e, assim, sendo obrigadas a abandonar a escola. Esses fatores, condicionam a um ciclo vicioso, no qual, os indivíduos não têm saída, passam de geração a geração a situação de pobreza e abandono social.

Do mesmo modo, os jovens migram para cidade sem terem o mínimo de

recursos financeiros e sem o ensino fundamental completo. Em 1960, a metade das crianças entre 7 e 12 não frequentavam ou abandonaram a escola. Os jovens eram o reflexo dessa situação. Na cidade se deparavam com a fome e a necessidade de trabalhar, e aceitavam qualquer serviço. Eles eram mal remunerados e se tornavam em mão de obra operária em condições análogas à escravidão, sem direito à moradia e são explorados como mão-de-obra barata, enquanto o patrão se enriquece cada dia mais.

Em São Paulo, os bairros que mais tinham os cortiços, eram Bom Retiro, Brás, Penha, Água Branca e Barra Funda e a avenida Paulista também já observava os primeiros sinais de crescimento. Quem vivia longe dessas localidades ficava sem opção de locomoção e não tinha como ir ao trabalho. Assim, a solução mais lógica foram os cortiços nada mais do que o máximo possível de pessoas vivendo em uma mesma casa.

Os imigrantes, que vieram ao Brasil para trabalhar nas fábricas, ocupavam cargos mais baixos, geralmente ligados ao chamado “chão de Fábrica”. Algo que ficava evidente é que quem morou e iniciou os cortiços em São Paulo foram os trabalhadores operários, que não tinham possibilidade ou condição de ter um imóvel para apenas uma família.



*Imigração no Brasil. Revista Contexto*

Como resultado do processo de urbanização acelerado e desorganizado das cidades. Eles eram ocupados por trabalhadores pobres, imigrantes e escravos libertos, que não tinham condições financeiras para pagar por moradias mais dignas.

Eles se tornaram símbolo da miséria e da exclusão social no país, e foram alvo de políticas públicas de erradicação ao longo do século.

O *Cortiço*, obra *corpus* dessa monografia, é um romance publicado em 1890 e faz parte do movimento naturalista do Brasil. A obra retrata a vida das pessoas simples em um cortiço do Rio de Janeiro. Com um teor crítico, trata-se de uma exímia representação da realidade brasileira do século XIX e marca a presença de um grande número de pessoas vindas de várias regiões rurais e de imigrantes em estado de pobreza. No romance, podemos perceber que a literatura como fonte cumpre seu papel primordial que é fornecer elementos substanciais na construção de uma versão da verdade dos fatos. Ela pode ser considerada testemunho histórico, independentemente de ser um documento oficial ou uma obra de realidade, traz consigo significações que em sua relação de verossimilhança, representa o contexto social histórico no qual o objeto artístico produzido, revela as formas de existência, as peripécias e as conquistas dos indivíduos em um dado meio social deixou marcada no interior de determinado grupo social, no tempo.

## 1.2 O êxodo e os cortiços

O êxodo é a denominação atribuída à saída de um grupo de pessoas ou de uma nação ou de região para outra. O êxodo pode ser considerado um sinônimo de emigração, pois também está relacionado com a ação de deslocamento de um grupo de pessoas de sua terra natal para uma localidade estrangeira ou de regiões.

O êxodo rural<sup>1</sup> atinge principalmente o público feminino e os jovens, acarreta uma superpopulação de pessoas na cidade. As pessoas migram para a cidade a procura de condições melhores de trabalho e as mulheres que trabalham em serviços pesados são consideradas apenas com ajuda, sendo que, culturalmente, elas estão com a responsabilidade da casa e dos filhos, demonstrando, com isso, um machismo extremo nas relações familiares e da sociedade, caracterizando, contraditoriamente, que o homem tem a responsabilidade de trazer sustento para a casa.

---

<sup>1</sup> Êxodo rural - Esse movimento resulta em um processo gradativo de esvaziamento do campo, que nada mais é do que a diminuição considerável da população rural.



*Exodo rural. Revista Contexto*

Segundo Flávio Sacco e Nádia Velleda na pesquisa “O futuro ameaçado: no mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização” que discorre:

no campo prevalece a presença do masculino com a modernização do trabalho rural e, isso, lança, em decorrência, a migração da mulher na cidade em 1960, 45% da população total do país (70 bilhões de pessoas) viviam nas cidades, em 2000, essa proporção se elevou a 81,2% de um total de 170 milhões, evidenciando ainda mais o inchaço urbano (ANJOS, CALDAS, 2005).

Para os pesquisadores, em 1970, 41 milhões de brasileiros viviam no espaço rural (44% do total). Desde então só houve declínio da população do campo, chegando em 1996, a um total de 33,8 milhões (22%) do total nacional. Entre 1960 e 1980 o êxodo rural alcançou um total de 27 milhões de pessoas.

No século XX, um grande número de novas tecnologias foi incorporado nas cadeias produtivas agropecuárias, o que condicionou a transformação do perfil de mão de obra empregada, que passou a exigir maior qualificação e também a substituição de postos de trabalho pelos maquinários. Com isso, muitas pessoas que perderam os seus trabalhos emigraram para os centros urbanos em busca de emprego e um recomeço. Um dos problemas estruturais mais antigos do Brasil e é definido como a posse de grandes extensões de terras por um pequeno número de proprietários. Essas áreas são comumente usadas para o plantio de monoculturas destinadas à exportação.

Muitos pequenos e médios proprietários de terras que não conseguem

incorporar o modelo produtivo do agronegócio acabam por vender ou arrendar suas propriedades para os grandes proprietários, mudando-se para as cidades. Fazendo com que o acúmulo de pessoas nas grandes cidades, onde os moradores não têm outra opção a não ser procurar lugares mais acessíveis, como acontece em *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, que tem como cenário e personagem principal uma habitação coletiva de indivíduos pobres.

No romance, o escritor conta a rotina e as relações dos personagens que ali vivem, expondo seus comportamentos por meio do meio ambiente, da raça e do contexto histórico-social, explicitando um modo cientificista, naturalista e determinista de ver a sociedade da época. O romance trata das mudanças urbanas e sociais que as cidades passam na Era Moderna com o advento do capitalismo industrial e de comércio, reportando a mão-de-obra barata, a conseqüente exploração humana, a desonestidade e reificação dos indivíduos, os escritores da época tinha como referência condicionamentos biológicos e ambientais a origem dos comportamentos dos indivíduos em sociedade.

O enredo do romance revela a vida de João Romão, que busca a qualquer custo enriquecer e se ascender socialmente. É dono de uma venda, de uma pedreira e do cortiço, no qual vivem os personagens que a ele servem e dele compram. Um círculo econômico vicioso e recorrente que beneficia o próprio João Romão. Assim também, os casebres simples de o cortiço são alugados pelos trabalhadores da pedreira, os quais, por sua vez, fazem suas compras na venda. Possuidor desse monopólio, João Romão consegue enriquecer rapidamente. Com esse propósito de enriquecimento obsessivo, Romão ainda economiza tudo o que recebe e explora os indivíduos ao seu redor sem escrúpulos.

Dessa forma, com a literatura, a possibilidade do acontecimento real histórico é ampliada, uma vez que, no mundo imaginário, não existem regras sociais a serem cumpridas e as ações acontecem independentemente das vivências sociais do sujeito histórico real, tornando-se meio criativo para os indivíduos produtores e leitores ampliarem o mecanismo social vivido, possibilitando o entrecruzamento entre o real e a ficção.

## CAPÍTULO II: FICÇÃO E REALIDADE EM O CORTIÇO

*Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações.*

ALUÍSIO AZEVEDO

A literatura expressa o espelho de um determinado espaço urbano, logo, de uma faixa do real, definida em termos menos estéticos do que sócio-comportamental. No romance, o tipo encarna uma tendência social de uma época, de um lugar específico e seu reflexo abrange não só o presente, mas também ou, sobretudo, o futuro. O livro *O Cortiço* foi escrito em 1890, faz parte de um movimento naturalista que o meio em que os indivíduos vivem possui um efeito determinista sobre seus comportamentos. Conseqüentemente, o cortiço é reflexo de uma sociedade injusta, que não acredita na possibilidade de mudança de vida do ser humano de forma honesta, que o meio em que ele nasceu é determinante para seu presente, passado e futuro.

No livro *O cortiço*, Aluísio Azevedo mostra como é a realidade das pessoas que vivem no cortiço, elas vivem à margem da sociedade, sendo comparadas como animais, sem direitos, vivendo em situações precárias e, ainda, são exploradas pelo personagem João Romão consegue riquezas através de pesos desonestos, sempre procurando vantagem em tudo, pagando um mixaria para seus funcionários, mas e visto como um bom falador e bom negociador. A Bertolesa era uma quitandeira a melhor afreguesiada do bairro, crioula com 30 em idade, escrava que pagava vinte mil reis mensais para conseguir sua tão sonhada liberdade, ou seja, sua alforria.

No entanto a quitandeira ajuntando-se com João Romão um “português” que aproveitar a morte de seu marido e vai conquistando sua confiança e no decorrer do tempo torna-se encarregado de resolver qualquer negócio, sem contestação alguma da escrava, mesmo ajuntado -se com o João Romão ainda continua na posição de escrava na qual enriquece o padrão.

Bertolesa representava agora ao lado de João romão o papel tríplice de caixeira, da criada e de amante. mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava na faina de todos os dias, avisando o café para fregueses e depois preparado o almoço para trabalhadores de uma pedreira que

havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda”.  
(Azevedo, p.11).

João romão não se contenta apenas com o dinheiro, e almejar consquistar posição e status, uma forma de conseguir todo isso era se casando com a filha da Miranda. Seu marido se recebe o titulo de Barão, perto de consquistar o queria, logo recebeu que tinha que se livrar da crioula, denuncia para os antigos donos da escrava, João Romão a enganou a todo esse tempo dizendo: “que tinha conseguido sua liberdade”, Bertolesa ao ver os donos ir buscar ela, comete suicídio.

Bertoleza então, erguendo-se com impeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá- lá, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. É depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhado moribunda numa lameira de sangue (Azevedo, p. 208).

Nos século XIX, XX e XXI sempre houve a escravidão. O órgão fiscalizador responsável por garantir os deveres do empregador é o misterio publico do trabalho, que foi fundado em 26 de novembro de 1930, mas é muito comum no século XXI relatos na televisão, jornais, radios e na internet empresas que pagam multas milionarios por funcionarios que são encontrados em lugares insalubreis, como pouca alimentação, e salarios abaixo do mercado. Em uma reportagem no Reporter Record Investigações em 2023 em Minas Gerais, os reporter Rogério Gimaraes, Gisele Barbiele e Leonardo Medeiros acompanharam auditores fiscais no resgate de trabalhadores em Carvoeiras são encontrados em condições desumanas, os trabalhadores foram resgatados e pagos todos os direitos e a empresa Minas Carvão foi aplicado multa por trabalho analogo a escravidão. O reporter tentar entrar em contato mas sem sucesso, os advogados da empresa passar o contato do dono mas não atendem a produção.



*Trabalho escravo analogo. Revista Contexto.*

No Domingo espetacular denúncias foram feitas de trabalhadores que vivem em situação análoga a escravidão em São Paulo e equipe de reportagem flagaram varias empresas de grande porte que terceirizam o serviço, buscando confeções de pequeno porte onde os trabalhadores são mal remunerados, vivem em uma casa com aproximadamente 8 ou mais pessoas, na casa há inúmeras infiltrações e a instalação toda exposta que facilmente pode pegar fogo, os trabalhadores ficam 14 horas trabalhando sendo que param apenas para almoçar e lanchar e, tudo isso e descontado no salário, no final eles recebem aproximadamente 400,00 por mês, as empresas envolvidas foram M.officer e Emporio Alex.

A maioria são Bolivianos que vem para o Brasil a procura de melhores condições de serviços mas acabam escravizados em empresas texteis.



*Sistema de Gestão para controlar a produção.*

Os auditores sao muito poucos para para fiscalizar toda a grande cidade de São Paulo, na reportagem o auditor afirma que são apenas 4 auditores sendo insuficiente para combater o trabalho escravo, sendo que deveria ser no minino 30

a 40 auditores para a cidade de São Paulo, com isso é muito difícil ter esse controle com centenas de empresas que abre não só em São Paulo mas em todo o Brasil.

## 2.1 O cortiço e as desigualdades social

O livro o *cortiço* retrata como as pessoas que vivem no cortiço são socialmente excluídas onde são negados direitos básicos como saneamento, moradia e alimentação. São personagens que estão fora de alcance de políticas públicas, enquanto o burguês enriquece cada vez mais com a mão de obra barata dos trabalhadores. Os trabalhadores da pedreira sofrer com o trabalho extremamente pesado, são mal remunerados e a comida de pessima qualidade o que configura em escravidão. João Romão é o maior beneficiado dessa história pois enriquecer acusta da Bertolesa e dos trabalhadores da pedreira.

Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, trabalhando e mais a amiga com uma junta de bois (Azevedo, p.12).

João Romão, o personagem encontra abrigo, constrói, dialeticamente, sua fortaleza sonhada, feita de bens materiais, e sua pobreza essencial, resultado do processo de desumanização. O narrador onisciente não nos mostra João Romão imaginando, recordando ou possuindo de qualquer estado de fluxo de consciência. Contrariamente, a personagem é toda ação, fria como o meio e produto desse próprio meio. Para João Romão a casa representa a aquisição de poder, pois construindo casas entregues o domínio dos outros pelo ter, uma espécie de ilusão predominante no sistema Burguês e revelador da decadência e da fragilidade das relações humanas.

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra; que o velhaço, fora de horas, junto com a amiga, furtava á predeira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra por ali perto (Azevedo, p. 11 e 12)..

A desigualdade social é um dos problemas que mais afeta o mundo e perpassa todos os setores sociais. Ela também traz as distinções dos indivíduos e assume um desafio no plano da economia que seria igualar as rendas, porém, origina excluídos,

miseráveis e alguns desfavorecidos pela ausência de oportunidade no mundo do trabalho, entre outras questões. A desigualdade é concretizada no espaço social e por meio dele há a visibilidade da estrutura de renda da sociedade em geral. Fatores que contribuem para a desigualdade.



Brasil, País da Desigualdade Social.

Fatores que contribuem para desigualdade fator econômico, educação, raça e desemprego no Brasil. A renda concentrada está nos grandes empresários.

No Youtube Rafael Barifouse pelo canal BBC News Brasil, apresentar dados onde o Brasil e um dos lugares do mundo mais desigual, estudo feito World inequality e apresentado por Rafael Barifouse, trabalho foi dirigido pelo famoso economista Francês Thomas Piketty, foi uma pesquisa que teve colaboração de centenas de pesquisadores internacionais um conclusão feita pelos estudos que com a pandemia 2019 a situação se gravou mais ainda. Dados afirma que 10% da população rica possui equivalente 59% da renda mensal no Brasil, e 50% dos mais pobre tem renda equivalente a 8,5 % sendo comparado com Oriente medio e Norte da Africa onde são regioes do mundo com maior indice mal distribuição de renda do mundo.



*Brasil é o sétimo país com mais desigualdade no mundo, segundo a ONU*

Nos Estados Unidos, onde tem forte traços de desigualdade social, estão concretados 45% da renda mensal do países para população rica, China 45% e Europa pode variar de 30% a 35% . No ano de 2000 progamas como Bolsa Familia e aumento no salário ajudaram a diminuir a desigualdade mas estamos longe de ser um dos países com menor indice de desigualdade, o governo atraves de politicas publicas e uma fiscalização mais regida nos impostos é de suma importancia para que os mais pobres possam ter seus direitos garantidos e possa se tornar um país com equidade, conhecendo a necessidade de cada individuo.

## **2.2 Do servo ao operário**

No romance, Aluísio Azevedo mostra dois personagens Bertolesa e Jerônimo, ambos são escravo um considerado servo e outro operário enquanto a Bertolesa consegue suspontamente sua carta de alforia trabalha de dia e de noite para enriquecer seu patrão, sempre ecominizando tudo que podia para ver João Romão cada dia ganhado mais dinheiro, Bertolesa tinha casa e comida mas trabalhava e não recebia salário algum. O Jerônimo era o operário que tinha sua liberdade mas trabalhava em condições extremamente pesada e com salário muito baixo, o dinheiro era apenas para pagar o aluguel e comida para a sua sobrevivência e da sua familia, ambos servia João Romão.

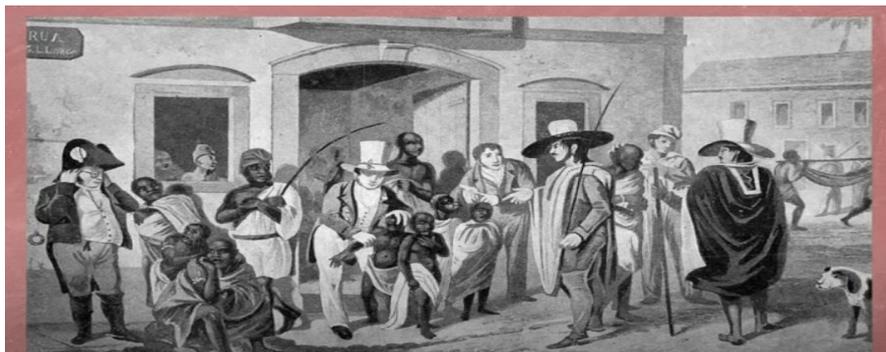
Jerônimo, porém, era perseverante, observador e dotado de certa habilidade. Em poucos meses se apoderava do seu novo ofício e, de quebrador de pedra, passou logo fazer paralelepípedos; e depois foi-se ajeitando com o prumo e com a esquadria e meteu-se a fazer lajeados (Azevedo, p. 48).

No século XXI, vivemos em uma escravidão moderna pois a metade da população vive com um salário mínimo que exatamente o personagem Jeromino vivia, esse indivíduo tem custo do aluguel, comida, água, energia e internet mas tem sua sonhada “liberdade”. O escravo tem como objetivo de trazer benefício para o seu dono enquanto o mesmo enriquecer o empregador vive com condições miseráveis. Segundo IBGE mais da metade da população Brasileira vive com um salário mínimo ou menos.

A maioria da população brasileira (60,1%) vivia com até um salário mínimo per capita por mês em 2022, enquanto 31,8% tinham renda entre um e três salários mínimos per capita mensalmente e 8,1% receberam mais três salários mínimos per capita todo mês.

No canal do youtube, a professora Anelize explica sobre a escravidão da antiguidade e a escravidão moderna. Na escravidão da antiguidade na Roma antiga, existia dois tipos de escravizados o primeiro e por meio de dívidas o mesmo tinha que trabalhar por um período para quitar sua dívida e a segunda forma e quando o indivíduo era vencido de guerra e mais provável que esse indivíduo permanecia escravo até sua morte.

A escravidão moderna foi no Brasil Colônia entre o século XV até XIX esses escravos eram de origem Africana não era apenas pela etnia mas também por questões religiosas; por isso, cabiam a eles a fazer trabalhos braçais e supostamente inferiores. O tráfico negreiro era sequestrar esses indivíduos de seu local de origem para obter lucro e garantir que eles trabalhem sem obter salário algum. Nessa imagem retrata como os Africanos são tratados como mercadoria e entre o século 1758 a 1831 chegaram ter 5,8 milhões de pessoas escravizadas no Brasil, sendo que muitos não resistiam nessas viagens longas e lotadas de pessoas.



Canal de Youtube – Professora Anelize

Na “escravidão” atual vemos como trabalho tem cumprir sua jornada de trabalho, e o sistema e o mesmo enquanto o patrão ganha no mínimo 20, 30, 40 vezes a mais que um funcionário, o mesmo é fonte de lucro para seus patrões. Empresas como supermercado, bares, lanchonete e outras são conhecidas por funcionarem até dia de domingo e pagando salários mínimos e sem benefícios. Exemplo de empresa que paga multa por funcionários trabalharem sem descanso e com horas excessivas no Brasil, semelhante à Volkswagen que

Em janeiro, a Volkswagen foi condenada a pagar 1 milhão de reais por dano moral coletivo devido a uma terceirização de serviço irregular. Alguns empregados também trabalhavam sem descanso semanal durante 30 dias úteis e fazendo horas extras excessivas.

Dessa forma, a exploração do trabalho, tanto no campo, como nas cidades revelam uma prática que só muda na forma e nos meios de tornar mais desigual os indivíduos em sociedade. E a obra de arte, semelhante à do Cortiço, denuncia a exploração tanto do servo, figurada na personagem Bertoleza, como dos operários nas pedreiras.

### **2.3 O Enriquecimento e a Decadência Humana**

O enriquecimento econômico ou financeiro não garante, ao indivíduo, a sua qualidade em sentido do humano. Quando o bem econômico se figura como meio de exploração de um indivíduo sobre o outro, a decadência se transforma no princípio de vida nefasta à toda sociedade, na qual, nem o explorado e nem o explorador têm sucesso no *devoir* humano. João Romão enriquece explorando os miseráveis que moram ali e compram em sua venda, bem como a exploração desmedida da Bertoleza, sua companheira. O personagem Romão passa a sonhar com a ascensão social. Livra-se de Bertoleza, casa-se com a filha de Miranda, um comerciante português, que se fez barão e torna-se ele próprio visconde, apagando seu passado. Romão deseja ascender socialmente e não mede esforços para isso.

O livro não trata unicamente da trama da busca de poder econômico e social do personagem Romão. Discute-se toda a constituição da nação brasileira, por meio da miscigenação racial e cultural e, ainda das condições de sobrevivência dos

indivíduos numa sociedade que se compõe pela exploração do trabalho de herança precarizada. Ao longo do romance vão aparecendo os diferentes modos de adaptação do português ao Brasil, além da luta dos negros e, especialmente, dos mestiços pela sobrevivência. Desse convívio de tipos e de exploração da força de trabalho vai se compondo o romance, como ia se construindo a nação brasileira.

Pode-se dizer que João Romão é uma versão mais urbana e menos carnavalesca dessa mesma ânsia pelo poder. Ele rouba, engana e explora para isso. Sua fortuna é formada pela exploração do trabalho dos miseráveis de seu cortiço, os portugueses pobres, os negros e mestiços operários que têm de entregar ao dono da estalagem e da venda quase todo o dinheiro que recebem no trabalho pesado da pedreira ou da lavação de roupas.

Em *O cortiço*, tudo acontece de modo muito rápido. A história de Miranda, por exemplo, é interceptada pelo meio. Os movimentos que levaram o português até o sobrado, até o título de barão não são revelados, mas a imagem se presentifica, marcando a sua investida até chegar ao outro e conquistá-lo às avessas, não pela amizade, mas pela supremacia econômica. Assim, João Romão alcança o seu propósito se arrastando, como o verme e como um rato que de modo efetivo se construiu, erigindo-se pelo esmagar os que estão em volta.

Dessa maneira, Aluísio Azevedo retrata a formação de uma elite burguesa sem escrúpulos e semi-analfabeta, que, amparado no ideário naturalista, busca apresentar sua história de um ponto de vista, tecnicamente, imparcial, com um narrador onisciente, que mantém sempre a "distância adequada" de seu objeto.

Antônio Cândido (2000), no seu ensaio sobre o romance, retrata a diferenciação e a indiferenciação marcada em *O Cortiço*, cujo texto narra histórias de trabalhadores pobres que vivem amontoados em uma habitação coletiva. Neste ponto, a essência se dá à originalidade do romance que reside na coexistência do explorador e do explorado, o que é tornado possível pela natureza de acumulação num país como o Brasil que era, economicamente, colonial.

A todo momento, Antônio Cândido (2000) retoma a relação entre os indivíduos pertencentes aos cortiços, tratando do enriquecimento que ocorre ao longo da narrativa (na figura de João Romão) e na história de trabalhadores que estão ligados ao projeto de um explorador que tem por objetivo a obtenção de riquezas, motivo pelo qual Aluísio teria posto o sobrado dos ricos ao lado da habitação dos pobres.

No romance, encontramos a luta entre o português Jerônimo e o brasileiro

Firmo pela posse de Rita Baiana. Entrevemos aqui uma luta entre nacionalidades distintas, concorrendo pela fêmea, mas é possível apontar, também, para um enfrentamento com um forte teor racial. Nota-se que a luta pela posse restrita da mulata transformou-se, em instante, em uma disputa aberta pela manutenção da vida dos brasileiros versus portugueses. Por fim, transformou-se em uma disputa entre cortiços opositores, na defesa das suas honras e da vida de seus moradores.

Os adeptos do movimento naturalista, do qual fazia parte Aluísio Azevedo, dedicavam-se à composição de romances ficcionais, que objetivavam retratar momentos específicos da vida social brasileira, modificada pelo fim do regime escravista e pela enorme onda de imigração estrangeira que afluiu para o país durante a segunda metade do século XIX.

Renato Salles Mattos (2014) afirmou que é necessário refletir sobre as transformações culturais que se processavam na passagem do XIX ao XX se quisermos compreender *O cortiço* e argumentou que,

Nesse momento, assistia-se a uma revolução científica, notória a partir da articulação entre saberes da esfera biológica e da sociologia, que representavam um marco fundamental na história cultural do século XIX, sobretudo, em sua consolidação de uma visão de mundo calcada no paradigma evolucionista. O darwinismo social se utilizou da ideia de evolução por seleção natural, associando o desenvolvimento material e cultural das sociedades ao processo de hierarquização das raças, com a conclusão de que o homem branco era superior, no aspecto biológico, aos demais povos (Barros 2003, p. 13).

É exatamente durante a recepção das ideias evolucionistas no campo intelectual brasileiro, especialmente daquelas oriundas do darwinismo social, que Aluísio Azevedo começou a compor os seus trabalhos e, como ocorreu com outros intelectuais de seu tempo, essas ideias permearam sua produção, mesmo que não explicitamente, encontramos diversas referências ao conceito de luta pela existência em uma sociedade baseada em teorias do darwinismo social e suas relações com a sociedade em transformação, na qual o devir humano se limitou ao poder econômico e às noções de raça e meio.

### CAPÍTULO III: A TEORIA DO DETERMINISMO

O meio determina a vida e as ações das pessoas.

FRIEDRICH RATZE

Há uma força criativa universal que movimenta toda a vida.

FRIEDRICH NIETZSCHE

O determinismo é um pensamento da corrente filosófica que vem do verbo determinar que vem do Latim, e significa não terminar ou não limitar, é uma teoria que determina que o fator religioso, genético, social e cultural são determinantes para definir qual é o tipo de cidadão que o mesmo vai se tornar, que já existe um futuro previsto antes mesmo do nascimento do indivíduo, o filósofo Alemão Friedrich Ratzel nasceu em 1844 e morreu em 1904 sua principal obra foi Antropogeografia que foi publicada em 1882 na sua obra teve influência sobre a obra de Charles Darwin, que defendia o postulado de que a evolução se basearia na luta entre as diferentes espécies, de forma que aquelas que possuísem as características de melhor adaptação ao meio sobreviveriam. “Os seres humanos, raças e etnias mais aptos venceriam e dominariam os povos considerados inferiores.” No seu livro Antropogeografia defende que o clima influencia no comportamento intelectual do ser humano, que as pessoas que vivem no clima mais frio são intelectualmente superiores com Sul e Sudoeste onde o clima é mais frio são mais inteligentes, e Nordeste onde o clima é mais seco e quente são indolentes e preguiçosos. Com esse pensamento deu margem ao preconceito considerado os índios os negros como raça inferior e os portugueses superiores.

O Italiano Cesário Lombroso nasceu em 1836 e morreu 1909, o criminalista defendia a teoria determinismo biológico através da sua obra “As mais recentes descobertas e aplicações da psiquiatria e antropologia criminal”, publicada em 1893, no qual defendia que todos os seres humanos suas ações e comportamento vinham de sua genética, relacionou o físico do indivíduo a tendência a criminalidade, podia prever quem desenvolvia o comportamento criminoso. Os humanos e animais atuam de acordo com sua adaptação evolutiva e genética específica na qual ele pertence. As características físicas e psicológicas são determinadas por raça ou

nacionalidade que as pessoas não são livres e se comportam segundo características inatas ou hereditárias.

### 3.1. O determinismo expressos na obra

No Brasil, os principais autores naturalistas foram: Aluísio Azevedo, cuja principal obra é *O cortiço*, de 1890; Adolfo Caminha, com seu romance *Bom-crioulo* (1895); e Raul Pompeia, com seu livro *O Ateneu* (1888). Nesse livro, toda a teoria naturalista pode ser percebida na composição das personagens que vivem no cortiço, o *meio corruptor*, espaço principal de ação no romance. O naturalismo no Brasil foi inaugurado em 1881, com a publicação da obra *O mulato*, de Aluísio Azevedo. A principal característica desse estilo de época é o determinismo, ou seja, o destino dos personagens é determinado pela raça, meio em que vivem e época em que estão inseridos.

No livro o Cortiço os personagens são levados a cultura e meio que eles vivem por exemplo a Bertoleza foi se juntar com o João Romão porque entedia que os portugueses eram superiores a outras raças. Quando Brasil foi invadido pelos Europeus, em 1500 por Pedro Álvares de Cabral, os Índios foram exterminados por doenças, violência devido sua forma de expressão e a religião.

É nesse cenário, e a partir desse choque de culturas, que se tem início a colonização portuguesa no Brasil, o qual corresponde a um processo massivo de extermínio de povos indígenas, invasões, conflitos entre portugueses e indígenas, doenças contagiosas oriundas de Portugal se espalhando no Brasil e exploração das terras brasileiras. Descobrimto do Brasil 1500. Acessado 12/ 06/ 2024, 15: 00 horas

O meio influência a personagem Pombinha que se torna uma prostituta, embora era uma personagem muito doce, criada para se casar moça virgem, acaba indo morar com Leocádia, pois que estava condicionada pelo determinismo, ou seja, destinada a se tornar uma prostituta, como restante de sua família. Nesse sentido, por mais que seja uma personagem afastada de sua família, a genética segundo o determinismo é determinante na existência da personagem.

Só descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Leocádia. A serpente venceu afinal Pombinha foi, pelo próprio pé, atraída meter-se-lhe na boca. A pobre mãe chorou a filha como

morta. E, desde então, aceitou sempre, constituindo-se a rapariga no seu único amparo na velhice e sustentando-o com os ganhos da prostituição (AZEVEDO, p 201).

O personagem Jerônimo um marido responsável e trabalhador, mas o meio transformar em um homem preguiçoso e beberão e por cima trair sua esposa com Rita a baiana na qual tem um romance. Rita baiana deixa o companheiro Firmo para se divertir com Jerônimo. Sendo no começo do livro Jerônimo era conhecido por fazer os paralelepípedos e diferentes dos outros trabalhadores, e um português que se abrigou, tornando, assim, como os outros moradores do cortiço:

O português abrigou-se para sempre, fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito de economia da ordem; perdeu esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro a felicidade possuir a mulata e ser possuído por ela, só ela, e mais ninguém. (AZEVEDO p. 176).

No livro, os personagens são influenciados pelo meio enquanto os personagens são zoomorficados o cortiço ganhar vida com os humanos. A personagem Leocádia enquanto faz sexo com Henrique no meio das plantas sendo comparado os personagens do cortiço como animais sem perspectiva de vida ou se quer possibilidade melhoras na área financeiramente ou intelectualmente.

E tomou à sua direita, andado ligeira e meio vergada por entres as plantas. Henrique seguiu-se no mesmo passo, sempre com o coelho sobrado. O calor fazia-o suor e esfogueava-lhes as faces. Ouvia-se o martelar dos ferreiros e dos trabalhadores da pedreira (AZEVEDO, p.76).

O determinismo está expresso na obra sendo que os personagens no final da narrativa terminam da mesma forma ou em situação pior. Joao Romão acaba se casado com Zulmira e conseguindo tudo o que almeja por que tirou beneficio a todos que estavam ao seu redor, inclusive de Bertoleza ser quer pensar denunciar a pobre escrava para seus donos na qual ajudou a construir sua riqueza e esta foi alcançada por meio ilícitos e pela exploração dos outros, assim como João Romão fez:

E o fato e que aquelas três casinhas, tão engenhosamente construídas, foram o ponto de partida do grande cortiço de São Romão. Hoje quatro braços de terra, amanhã seis depois mais outras, ia o vendeiro consquitando todo o terreno que se estendia pelos fundos (Idem, p..12).

Dessa forma, a raça e o lugar em que as pessoas moram, estabelecidas pelo determinismo, se constituem em uma teoria aplicada aos comportamentos das personagens no romance, influenciando o modo de ser dos que exploram e dos que são explorados e, com isso, compondo o estil literário naturalismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A ficção não seria [...] o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador.*

SANDRA JATAHY PESAVENTO

A historiadora Pasavento assevera que a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta, o que nela se resgata é a reapresentação do mundo que comporta a forma narrativa. (PESAVENTO, 1995, pg. 117). Do mesmo modo, notamos que realidade histórica e ficção são formas de revelar o presente, reinventar o passado, imaginar o futuro. Se as semelhanças ou aproximações da realidade e da literatura são muitas é porque a literatura representa as questões que mobilizam os homens em cada época de sua existência. Não é a fidelidade entre realidade e ficção que conta, é o poder da verossimilhança que faz da representação artística ser, ora a simulação do real, ora a sua dissimulação. Fato é que o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo realiza esses feitos. A miséria e a misarabilidade humanas figuram a cena artística, como também, a vemos na realidade social e histórica das imagens selecionadas do mundo real.

Constatamos que o romance revela que a desigualdade social é um dos problemas que mais afeta o mundo e perpassa todos os setores sociais. Ela também traz as distinções dos indivíduos e assume um desafio no plano da economia que seria igualar as rendas, porém, origina excluídos, miseráveis e alguns desfavorecidos pela ausência de oportunidade no mundo do trabalho, entre outras questões. A desigualdade é concretizada no espaço social e por meio dele há a visibilidade da estrutura de renda da sociedade em geral. Desse modo, a ficção revela o mundo real de modo metafórico. Com ela cruzamos as fronteiras da imaginação e caímos na realidade nua e crua de um mundo perverso, no qual alguns sugam a maioria e estas se conformam alienadamente com o que lhe é dado: o modo de vida desumano.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda

MATTOS, Renato Salles. **Relações de Gênero intermediando a ascensão social do português no Brasil a partir de O Cortiço**

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995.

RATZEL, Friedrich **Antropogeografia. A distribuição geográfica do homem**. 1882-1891.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ALUÍSIO AZEVEDO. **O cortiço**. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2009

